

Mais tempo de verão significa menos comida disponível para os ursos polares, esses caçadores de águas congeladas. Uma pesquisa constatou que os animais perderam, em média, 1kg por dia, cada um

Condenados à morte por fome

» PALOMA OLIVETO

David McGeachy/Divulgação



Machos adultos pesam cerca de 500kg e medem 3m de comprimento, para sobreviver, tentaram, sem sucesso, diferentes estratégias

Com o aumento contínuo das emissões de gases de efeito estufa e a consequente elevação nas temperaturas globais, a previsão de cientistas climáticos é de que os verões se tornarão cada vez mais prolongados. Para os ursos polares, animais já em risco de extinção, isso pode significar morrer de fome, segundo um estudo publicado ontem na revista *Nature Communications*.

Para investigar a resiliência desses mamíferos do Hemisfério Norte, pesquisadores do Centro de Ursos da Universidade Estadual de Washington, nos Estados Unidos, observaram de perto um grupo de 20 animais durante três semanas do verão. No período, os ursos polares tentaram diferentes estratégias para manter as reservas de energia, incluindo descanso e busca por alimento em terra firme. No entanto, quase todos perderam peso rapidamente: em média, cerca de 1kg por dia.

Já se especulou que os ursos polares poderiam se adaptar às estações mais longas sem gelo, agindo como seus parentes ursos pardos e descansando ou comendo alimentos terrestres. No estudo, os animais tentaram ambas as estratégias — com pouco sucesso.

“Nenhuma das estratégias permitirá que os ursos polares existam em terra além de um determinado período. Mesmo os ursos que estavam em busca de alimento perderam peso corporal na mesma proporção que aqueles que se deitaram”, disse Charles Robbins, diretor do Centro de Ursos da Universidade Estadual de Washington e coautor do estudo *Os ursos polares não são ursos pardos ‘vestidos de branco’*.

Estilo

Geralmente maiores que os ursos pardos, os polares machos adultos podem atingir 3m de comprimento e pesar 500kg, em comparação com os 2,5m e 350kg dos primeiros. Para manter essa grande massa, os animais dependem da gordura rica em energia das focas, que capturam melhor quando a água está congelada.

Pouco se sabe sobre o gasto de energia e o comportamento dos ursos polares quando confinados em terra. Por isso, os pesquisadores usaram coleiras com câmeras de vídeo e GPS para rastrear os ursos polares no verão na região oeste da Baía de Hudson, em Manitoba, Canadá. Eles queriam ver o que esses animais especializados em caçar no gelo comiam e faziam durante o longo período em terra,

quando sua presa preferida, a foca, estava fora de alcance.

Os pesquisadores pesaram os ursos antes e depois do período de observação e mediram seus gastos energéticos. “Encontramos uma grande diversidade de comportamentos de ursos e, como resultado, vimos uma gama diversificada de gastos energéticos”, disse o autor principal do artigo, Anthony Pagano, biólogo pesquisador da

vida selvagem do Programa de Pesquisa de Ursos Polares do US Geological Survey.

Muitos dos ursos polares machos adultos simplesmente se deitaram para conservar energia, queimando calorias em taxas semelhantes às da hibernação. Outros procuravam ativamente por comida, consumindo carcaças de pássaros e renas, bem como frutas vermelhas, algas e gramíneas.

Comparação

Ao todo, os pesquisadores descobriram uma variação cinco vezes maior no gasto energético, desde um macho adulto que descansava 98% do tempo até o mais ativo que percorreu 330km atrás de comida. Algumas fêmeas passavam até 40% do tempo forrageando. No entanto, toda essa atividade não valeu a pena. “Os alimentos terrestres proporcionaram-lhes alguns benefícios energéticos, mas, em última análise, os ursos tiveram de gastar mais energia para conseguir esses recursos”, disse Pagano.

Três ursos polares nadaram longamente — um deles 175km na baía. Duas carcaças foram encontradas na água, uma beluga e uma foca, mas nenhum dos ursos conseguiu se alimentar de suas descobertas enquanto nadava, nem trazê-las de volta à terra. Apenas um dos 20 ganhou peso.

O estudo se concentrou na extensão mais a sul da área de distribuição dos ursos polares, no oeste da Baía de Hudson, onde o aquecimento climático, provavelmente, afeta os ursos a um ritmo mais rápido do que outras regiões do Ártico. A população da espécie na área já diminuiu cerca de 30% desde 1987.

Segundo os autores, a pesquisa indica que os ursos polares em todo o Ártico correm o risco de morrer de fome, à medida que o período sem gelo continua a aumentar. “Como os ursos polares são forçados a parar suas atividades mais cedo, isso reduz o período em que normalmente adquirem a maior parte da energia necessária para sobreviver”, disse Pagano. “Com o aumento do uso da terra, a expectativa é de que provavelmente veremos um aumento na fome, especialmente entre adolescentes e fêmeas com filhotes.”

TERAPIA ALTERNATIVA

Acupuntura como prevenção ao AVC

Tradicional na medicina oriental, a acupuntura pode reduzir o risco de acidente vascular cerebral (AVC) associado à artrite reumatoide, concluiu um estudo comparativo publicado na revista *British Medical Journal (BMJ)*. Segundo os autores, os efeitos independem de sexo, idade e uso de medicamentos e condições coexistentes, sugerindo que o procedimento tem potencial de diminuir os níveis de proteínas pró-inflamatórias (citocinas) associadas à doença cardiovascular.

A principal causa de morte em pessoas com artrite reumatoide, uma enfermidade autoimune tratável, mas sem cura, são as doenças cardiovasculares. Os pacientes são mais propensos a sofrer um acidente vascular cerebral do que a população em geral, observam os pesquisadores da Universidade Médica da China, em Taichung, Taiwan.

A acupuntura já é usada para controlar a dor e atenuar a inflamação, e os pesquisadores queriam descobrir se ela também poderia diminuir o risco de acidente vascular cerebral isquêmico

— causado por um coágulo sanguíneo no cérebro — que está associado à inflamação sistêmica.

Os pesquisadores se basearam em registros médicos nacionais do Registro de Banco de Dados de Pacientes com Doenças Catastróficas (RCIPD), de adultos recém-diagnosticados com artrite reumatoide entre 1997 e 2010. A análise final incluiu 23.226 pacientes com dados completos, 12.266 dos quais foram tratados com acupuntura após a identificação da doença até o fim de dezembro de 2010.

Desses, 11.613 foram pareados por idade, sexo, condições coexistentes — diabetes, pressão alta, níveis elevados de gordura no sangue, insuficiência cardíaca congestiva, ansiedade/depressão, obesidade, fibrilação atrial, dependência de álcool e tabagismo, além de uso de medicamentos, como anti-inflamatórios esteroides e estatinas. Também foram agrupados de acordo com ano de diagnóstico. Eles

Freepik



A maioria foi tratada com a técnica manual, um grupo menor com eletroacupuntura e 10% receberam os dois tipos

foram, então, divididos entre os que fizeram uso da acupuntura e os que não recorreram à técnica.

Múltiplas técnicas

A maioria (87%) do grupo de acupuntura foi tratada com a técnica manual; 3% com eletroacupuntura, na qual um eletrodo que produz um pulso baixo de eletricidade é preso à agulha, e 10% receberam os dois tipos. Em média, decorreram 1.065 dias entre o

diagnóstico de artrite reumatoide e o recebimento do primeiro tratamento da medicina tradicional chinesa, com o número de sessões em torno de 10 no total.

Durante o período de monitoramento até o fim de 2011, 946 pacientes tiveram acidente vascular cerebral isquêmico. O risco, como esperado, aumentou com idade elevada e número de doenças coexistentes.

Aqueles com hipertensão, por exemplo, tinham duas vezes mais

probabilidade de sofrer um acidente vascular cerebral do que os com pressão arterial normal. Já pacientes com diabetes apresentaram uma probabilidade 58% maior, comparado a pessoas com artrite reumatoide, mas sem o distúrbio metabólico.

Houve significativamente menos casos de acidente vascular cerebral isquêmico entre o grupo de acupuntura: 341 contra 605, equivalente a um risco 43% menor. E isso independentemente

de idade, sexo, uso de medicamentos e condições coexistentes.

O estudo é observacional e, como tal, não podem ser tiradas conclusões determinantes sobre causa e efeito. Os pesquisadores também reconhecem que só conseguiram estimar a gravidade da doença a partir dos medicamentos que os pacientes tomaram. Também não tinham informações sobre fatores potencialmente influentes, como altura, peso, exames laboratoriais ou níveis de atividade física.

Contudo, no artigo, se mostram otimistas sobre o uso da técnica no combate ao AVC. “A inflamação é um preditor consistente e independentemente de doença cardiovascular na artrite reumatoide. Assim, a acupuntura pode diminuir as proteínas pró-inflamatórias, reduzindo o risco de doença cardiovascular, incluindo AVC”, sugerem.

“A pressão arterial e os perfis lipídicos instáveis são os dois fatores de risco para o acidente vascular cerebral isquêmico, e a terapia com acupuntura tem a vantagem de controlar a hipertensão e a dislipidemia”, explicam. “Se a acupuntura alivia a rigidez matinal e a dor nas articulações, os pacientes também podem se beneficiar, aumentando as atividades diárias, o que também pode reduzir o risco de acidente vascular cerebral.”